

**Procreate**  
Software para Controle da Pecuária



## Artigos Técnicos

### ARROZ-VERMELHO: UM PATRIMÔNIO ALIMENTAR DO SEMI-ÁRIDO

Por José Almeida Pereira  
pesquisador da Embrapa Meio-Norte  
almeida@cpamn.embrapa.br

O arroz é o principal componente da dieta alimentar do povo brasileiro. Assim como ocorre em praticamente todo o mundo, o arroz produzido nas regiões tradicionais de cultivo do País é o de pericarpo branco. De uma maneira geral, esse arroz acabou sendo consagrado pelo consumidor brasileiro, que considera como padrão nacional o produto beneficiado e que seja, ao mesmo tempo, classificado comercialmente pelo Ministério da Agricultura como integral, longo-fino (popularmente conhecido como agulhinha) e do tipo 1, muito embora as duas últimas características não apresentem qualquer associação com o valor nutritivo do arroz.

Fora das regiões tradicionais de produção de arroz do Brasil, sobretudo em algumas áreas dos Estados da Paraíba, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Ceará, a preferência do consumidor é pelo arroz-vermelho, um produto completamente diferenciado em relação ao chamado padrão nacional e que, até então, não recebeu, sequer, uma classificação oficial.

A produção do arroz-vermelho está relacionada com o hábito alimentar das populações locais, destacando-se como característica marcante, além da cor, o sabor diferenciado em comparação com o arroz branco, o que lhe confere um valor comercial cerca de 33% superior, na Paraíba. Trata-se, portanto, de um alimento especial nas casas das famílias de muitos nordestinos e em alguns restaurantes de comidas típicas, sendo os seus pratos mais famosos o arroz-de-leite e o arrubacão (arroz-vermelho preparado com feijão-macassar ou *Vigna unguiculata* (L.) Walp).

O arroz-vermelho é uma cultura tradicionalmente plantada por pequenos agricultores do Semi-Árido nordestino, principalmente do Vale do Piancó, no Estado da Paraíba, território responsável por cerca de 50 % da produção total desse arroz no País. Aliás, o Vale do Piancó é uma bacia hidrográfica de solos naturalmente muito férteis, cujo isolamento geográfico e a completa inexistência de tecnologias para esse cereal não permitiram até então a introdução de qualquer outro arroz.

Com uma área anualmente plantada em torno de 4700 hectares, o Vale do Piancó constitui o verdadeiro refúgio do arroz-vermelho no País, correspondente às Microrregiões Geográficas de Itaporanga (municípios de Itaporanga, Pedra Branca, Diamante, Boa Ventura, Ibiara, Curral Velho, Conceição, Santana de Mangueira e São José de Caiana) e de Piancó (Santana dos Garrotes, Nova Olinda, Piancó, Olho D'água, Aguiar, Emas, Catingueira e Igaracy).

Além do Vale do Piancó, o arroz-vermelho, também denominado por muitos de arroz-da-terra, mas cientificamente *Oryza sativa* L., é plantado ainda no Vale do Rio do Peixe, na Paraíba, no Oeste Potiguar, no Rio Grande do Norte, no Sertão

de Pernambuco e na Chapada Diamantina, esta última no Estado da Bahia.

O arroz-vermelho foi introduzido no Brasil no século XVI, mais precisamente na Capitania de Ilhéus, pertencente hoje ao Estado da Bahia, contudo não chegou ali a prosperar. No século seguinte, foi trazido pelos açorianos para a Capitania do Maranhão, com o nome de arroz-de-Veneza ou arroz-da-terra, tendo grande aceitação por parte da população nativa.

A Coroa portuguesa, por não ter interesse no arroz-vermelho para o suprimento da população de Portugal, porém, acabou proibindo o seu cultivo no Maranhão a partir do ano de 1772. Com isso, não obstante a sua larga preferência pelos consumidores maranhenses daquela época, o arroz-vermelho acabou migrando para as áreas secas dos demais Estados do Nordeste.

O referido arroz não é mais encontrado nos Estados do Maranhão e do Piauí, os principais Estados produtores de arroz do Nordeste, e se estima que atualmente a sua área plantada esteja reduzida a um terço do que já foi no passado, estando, portanto, correndo sério risco de extinção, em consequência do êxodo rural e da forte concorrência da indústria do arroz branco. Por tudo isso, o arroz-vermelho constitui hoje um verdadeiro patrimônio genético, cultural e alimentar dos habitantes do Semi-Árido nordestino, havendo imediata necessidade de seu resgate e de sua promoção.

 Envie esta notícia para um amigo por e-mail